

A NOVA IMAGEM DE PLATÃO

*Henrique C. de Lima Vaz
Fac. Filosofia. / CES - BH*

Em nove fascículos, elegantemente editados, é posto ao alcance do leitor interessado no estudo do pensamento de Platão e dos seus modernos paradigmas interpretativos, o texto das lições ministradas no Istituto Suor Orsola Benincasa, de Nápoles, já conhecido pelo intenso trabalho de pesquisa e produção cultural que nele se desenvolve. Nessas lições alguns dos maiores especialistas contemporâneos de Platão, italianos e alemães, apresentam-nos diversas faces do novo modelo de interpretação do platonismo original, proposto e divulgado pela chamada Escola de Tübingen e acolhido com entusiasmo pelos estudiosos italianos reunidos em torno de Giovanni Reale, renomado professor da Universidade Católica de Milão. O chamado "novo paradigma", já de alguma maneira pressentido e delineado por alguns estudiosos na primeira metade do nosso século, como Léon Robin, J. Stenzel, J. N. Findlay e outros (ver Reale, n. 8, pp. 32 segs.) originou-se, de fato, das teses de dois jovens pesquisadores alemães, H. J. Krämer e K. Gaiser, nos fins da década de 50, que acabaram sendo os fundadores e principais representantes da Escola de Tübingen. Os contactos entre a Escola de Tübingen e o professor Giovanni Reale, já conhecido pelos seus estudos aristotélicos, levaram este último não somente a aderir ao novo paradigma mas a tornar-se um dos seus mais autorizados expositores. A obra monumental de Reale, *Per una nuova interpretazione di Platone*, 10a. ed., Milão, Vita e Pensiero, 1991 (a 1a. edição é de 1984) tornou-se re-

conhecidamente a mais conspícua e ampla exposição do novo paradigma (sobre essa obra ver nossa nota bibliográfica "Um novo Platão?" em *Síntese*, 50 (1990): 101-113; uma tradução brasileira, devida a M. Perine, será proximamente publicada pelas Edições Loyola, São Paulo). O termo "paradigma", dotado aqui de uma significação hermenêutica, é inspirado na epistemologia das "revoluções científicas" proposta por Thomas Kuhn, e designa o que Kuhn denomina "ciência normal", ou seja, aquela cujos postulados, hipóteses e teorias de base devem servir de referência a todas as pesquisas e avanços que têm lugar no campo da tal ciência. Uma "revolução científica" significa, então, a exaustão heurística de um paradigma vigente e a necessidade de substituí-lo por outro. Independentemente da sua versão kuhniana em história das ciências, a noção de paradigma recebe aqui uma significação hermenêutica, como instrumento para uma correta leitura e interpretação de um corpo de textos, tendo em vista a reconstituição, mais fiel possível, do pensamento por ele transmitido. Ora, na história do platonismo G. Reale pensa poder distinguir três paradigmas hermenêuticos (v. n. 8); o neo-platônico, o romântico e o recente paradigma da Escola de Tübingen. O neo-platônico, que vigorou dos fins da Antigüidade ao século XVIII, tem como postulado metodológico fundamental a leitura *alegórica* dos textos platônicos como propedêutica a uma metafísica do Uno. O paradigma *romântico* foi formulado sobretudo por F. Schleiermacher na sua célebre Introdução à clássica edição e tradução das obras de Platão, e tem como postulado metodológico fundamental a autonomia dos Diálogos enquanto textos escritos, perfeitos na sua unidade como obras de arte e contendo a exposição acabada do ensinamento de Platão. A necessidade de um terceiro paradigma surgiu dos progressos da filologia e de uma reconstituição mais cuidadosa das chamadas "doutrinas não-escritas" (*agrapha dogmata*) de Platão, que pouco a pouco se impuseram como complemento necessário a uma interpretação filosófica adequada dos Diálogos. Não obstante o caráter fragmentário dos testemunhos que falam do ensinamento não-escrito de Platão e que provêm sobretudo de Aristóteles (a primeira edição sistemática desses testemunhos foi feita pelo prematuramente falecido Konrad Gaiser sob o título *Testimonia platonica*, em Apêndice à sua obra fundamental *Platons ungeschriebene Lehre*, Stuttgart, 1963), eles adquirem uma força probatória incontestável, no sentido de demonstrar a necessidade de se levar em conta as "doutrinas não-escritas" para a interpretação do pensamento de Platão, desde que devidamente articulados às referências ao seu ensinamento oral que Platão dispersou sob formas diversas, no texto dos Diálogos. A maior parte das lições proferidas no Instituto Suor Orsola Benincasa (nos. 2, 3, 5, 6, 7, 9) estuda justamente

essas indicações, que a arte platônica soube muitas vezes magistralmente dissimular mas que, devidamente decifradas, não deixam dúvidas sobre o conteúdo do ensinamento oral a que se referem.

O pressuposto histórico-cultural dessa dualidade entre o oral e o escrito que caracteriza a herança doutrinal de Platão deve ser buscado na transição, prestes a consumir-se nos tempos platônicos, entre uma cultura da oralidade e uma cultura da escrituralidade, que se reflete igualmente, e de modo profundo, na concepção do ensinamento ou da relação mestre-discípulo (ver Erler, n. 3, pp. 23-25). O problema da transição do oral ao escrito encontra um eco direto, segundo Platão, no campo do ensinamento filosófico, e sobre ele o fundador da Academia se pronunciou de maneira incisiva nas célebres passagens do Fedro (274 b-278 e) e da Carta VII (341 b-e). Esses textos e toda a questão são tratados magistralmente por Th. A. Szlezák (n. 9: ver igualmente Reale, n. 8, pp. 40-50). Szlezák, atual diretor do *Platons-Archiv* de Tübingen, tornou-se conhecido justamente por uma tese sobre *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie*, Berlim, 1985; tr. it., Milão, 1989) na qual é discutido a fundo o problema da superioridade do oral sobre o escrito na perspectiva platônica.

A questão, pois, da relação entre os Diálogos e o ensinamento oral gira, primeiramente, em torno da possibilidade de se estabelecer um nexó indiscutível entre essas duas formas nas quais a tradição trouxe até nós o pensamento platônico. Uma interrogação deve ser preliminarmente respondida: admitida como historicamente comprovada a existência de um ensinamento oral cujo conteúdo não foi explicitamente consignado nos Diálogos, desde quando esse ensinamento se faz presente na atividade didática de Platão? A maior parte dos historiadores até agora, como L. Robin, W. C. K. Guthrie e outros atribuiu o ensinamento oral esotérico (ou restrito ao interior da Academia), aos últimos anos de Platão. Os partidários do "novo paradigma" pensam, por sua vez, que as doutrinas transmitidas no ensinamento oral e que Platão se recusava a transmitir por escrito (*agrapha dogmata*), acompanham, de fato, todo o arco da atividade de Platão, desde os primeiros diálogos, ditos "aporéticos" (Erler, n. 3). As referências a essas doutrinas tornam-se inequívocas a partir dos diálogos da maturidade, sobretudo da República (ver Berti, n. 2 e Reale, n. 7). Outra questão diz respeito ao conteúdo das "doutrinas não-escritas". Segundo Platão trata-se de verdades "de maior valor" (*timiotera*) que seria inadequado transmitir por escrito. São, pois, as verdades supremas a que a mente humana pode alçar-se e são expressas pelos conceitos que a tradição posterior consagrou como metafísicos: o Uno, o Bem, a dualidade do Uno e do Múltiplo, o Limite e o Ilimitado, etc... As doutrinas não-escritas teriam, pois, como conteúdo, os fundamen-

tos da metafísica platônica e, nesse sentido, seriam o polo para onde convergem as linhas de pensamento dos Diálogos. Uma comprovação histórica dessa polarização metafísica do pensamento platônico é oferecida na lição do eminente historiador do neo-platonismo, Werner Beierwaltes (n. 1) sobre o paradigma que dominou por quase um milênio e meio a leitura dos Diálogos. Qual, porém, a forma lógica que Platão deu a essa sua Protologia (na expressão de G. Reale), ou doutrina dos primeiros princípios e das categorias supremas do real? Eis aí, provavelmente, a questão mais difícil para os fautores do "novo paradigma". No entanto, há caminhos que conduzem, com razoável segurança, àquele que seria o edifício lógico-dialético da Protologia platônica. O primeiro parte dos próprios Diálogos. As indicações mais claras nesse sentido devem ser buscadas na República e foram estudadas exaustivamente seja por H.-J. Krämer e K. Gaiser, seja sobretudo por G. Reale na sua obra acima citada e agora na lição 7 do ciclo que apresentamos, onde os textos centrais sobretudo do livro VI da República são postos em relação com o ensinamento não-escrito "Em torno ao Bem" (*peri tagathou*) que constituía sem dúvida a temática dominante da atividade didática de Platão. Aos textos da República Reale acrescenta algumas passagens do Filebo (*ibid.*, p. 45 segs.) não menos significativas para a reconstituição da estrutura lógico-dialética do ensinamento oral. Esse ensinamento poderia ser caracterizado, portanto, como uma metafísica do Bem-Uno cuja construção se opera através de um movimento dialético de ascensão aos primeiros Princípios e de descida do Uno à ilimitação do múltiplo. Já as indicações que os fragmentos referentes às doutrinas não-escritas (recolhidas nos *Testimonia platonica* de Gaiser) nos dão acerca dessa estrutura e do movimento dialético que a percorre, permanecem obscuras e alvo de muitas discussões, sobretudo quanto à natureza das chamadas Idéias-número que são as idéias supremas (não devendo ser confundidas com o número matemático) e quanto ao momento primeiro da dialética do uno e do múltiplo, que Platão descreve como dialética do Uno e da Díade ilimitada (*aoristos duas*). Como quer que seja, permanece fora de dúvida que a utilização dos testemunhos transmitidos até nós acerca do ensinamento oral de Platão, leva-nos a reconhecer no fundador da Academia o primeiro (depois do precursor Parmênides) e, talvez, o maior dos metafísicos da tradição ocidental. A estrutura lógico-dialética e o conteúdo metafísico das doutrinas não-escritas recebe ainda um subsídio precioso para a sua reconstituição nas duas magistrais lições sobre o Parmênides (M. Migliori, n. 5) e sobre o Sofista (G. Movia, n. 6) tradicionalmente considerados os diálogos mais metafísicos de Platão. Esses dois colaboradores de G. Reale são os autores respectivamente de recentes monumentais comentários sobre os diálogos em questão (M. Migliori, *Dialettica e Verità: commentario filosofico al "Parmenide" di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1990; G. Movia,

Apparenze, essere e verità: commentario storico-filosofico al "Sofista" di Platone, Milão, Vita e Pensiero, 1991), ambos com Prefácio de H.-J. Krämer e Introdução de G. Reale.

O ciclo de lições do Instituto Suor Orsola Benincasa oferece-nos assim, através de alguns dos mais renomados estudiosos da atualidade, uma visão abrangente dos problemas levantados pela nova imagem de Platão que se delineia a partir da recuperação hermenêutica da outra fonte do ensinamento platônico que a tradição nos transmite, embora precariamente, que são as doutrinas não-escritas. Os ventos anti-metafísicos que sopram no atual clima filosófico não se mostram propícios ao reconhecimento e aceitação dessa nova imagem de Platão. No entanto, os sólidos fundamentos históricos e filológicos em que ela se assenta, mais uma vez estabelecidos de maneira clara e didática nesse ciclo de lições, levam-nos a crer que o perfil filosófico do fundador da Academia nela traçado será definitivamente acolhido na galeria das imagens de Platão que acompanham, como marcos miliários, o roteiro histórico da filosofia ocidental.

Notas

Enrico Berti (org.) *Verso una nuova immagine di Platone*, Nápoles, Istituto Suor Orsola Benincasa, 1991.

1. Werner Beierwaltes - *Il paradigma neoplatonico nell'interpretazione di Platone*, 59 pgs.
2. Enrico Berti - *Le dottrine non scritte "Intorno al Bene" nelle testimonianze di Aristotele*, 94 pgs.
3. Michael Erler - *I dialoghi aporetici di Platone alla luce del nuovo paradigma ermeneutico*, 80 pgs.
4. Hans Krämer - *Il paradigma romantico nell'interpretazione di Platone*, 48 pgs.
5. Maurizio Migliori - *Il "Parmenide" et le dottrine non scritte di Platone*, 117 pgs.
6. Giancarlo Movia - *Il "Sofista" e le dottrine non scritte di Platone*, 58 pgs.
7. Giovanni Reale - *Ruolo delle dottrine non scritte di Platone "Intorno al Bene" nella "Repubblica" e nel "Filebo"*, 58 pgs.

8. Giovanni Reale - *I tre paradigmi storici nell'interpretazione di Platone e i fondamenti del nuovo paradigma*, 83 pgs.

9. Thomas Alexander Szlezák - *Oralità e scrittura della filosofia: il nuovo paradigma nell'interpretazione di Platone*, 74 pgs.

Endereço do Autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 - Belo Horizonte - MG